

FAMÍLIA E AMIGOS: dois grupos decisivos na formação da identidade do adolescente*

Ana Arlinda de Oliveira* *

RESUMO

A pesquisa tenciona compreender a convivialidade dos adolescentes em seus grupos: primário e secundário, portanto, família e escola, no que respeita à sexualidade. Buscou-se identificar elementos recorrentes como idéias, concepções, modos de agir entre outros.

Este artigo resulta da realização de um trabalho de pesquisa que teve como universo de investigação o cotidiano de dois grupos de adolescentes que vivem em diferentes bairros de Cuiabá, capital de Mato Grosso, buscando compreender a sua convivialidade, e nesta, sua sexualidade e os possíveis nexos com a cultura de dois grupos sociais: a família e a escola. Assim, tomou-se como base para o estudo a relação do adolescente com sua família e grupos de alunos nos vários espaços freqüentados por estes, inclusive o escolar, tendo como objeto de análise a externalização da sua sexualidade nesses espaços.

A escolha da escola como local de pesquisa sobre adolescentes explica-se por ser este um local onde, sistematicamente, moças e rapazes se reúnem cotidianamente. É ainda na escola que os grupos de amizade vão se formar, por ser este lugar onde o vivido em comum, apesar de obrigatório, faz-se pela via do afetual e do lúdico. A escola é a "praça pública" onde, além dos conhecimentos sistematizados, circulam outros conhecimentos e situações trazidas de fora que permitem o viver e o sentir coletivo. O grupo familiar é o grupo primário no qual a pessoa vive e se desenvolve. É na estrutura familiar que está a base da formação cultural, social e psicológica do sujeito, pois é ela que tem maior determinação para oferecer um modelo a ser seguido. Através da família, a pessoa aprende progressiva-

* O presente artigo é parte integrante da dissertação de Mestrado em Educação: "ENTRE O DITO E O VIVIDO: a sexualidade no cotidiano de dois grupos de escolares adolescentes" - Instituto de Educação - UFMT - 1994

**Profª Mestre do DEOE da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT.

mente a conviver em sociedade, internalizando as normas do meio em que se desenvolve. O grupo de amigos é fruto da escolha espontânea e se forma a partir da necessidade de esse sujeito deslocar-se do núcleo familiar, fato que o impulsiona para novo modo de vida, para a crítica acerca do que está estabelecido pelo social.

Nesta fase, o adolescente faz a tentativa de desvincular-se do ambiente familiar. Os pais da infância, com os quais estabeleciam um tipo de identificação, pois eles determinavam o modo de ser infantil, já não atendem às solicitações do adolescente que sente necessidade de diferenciar-se não somente dos membros de sua família mas também das imposições da cultura na qual cresceu. Arminda Aberastury¹ afirma que o adolescente elabora três lutos: o luto pela perda do corpo infantil, porque, ao modificar-se fisicamente, ele é obrigado a ver seu corpo diferenciando-se daquele que tinha na infância; o luto pela perda da identidade e pelo papel infantil, pois agora, com as mudanças corporais, o papel infantil se contrapõe à nova identidade que se estrutura e ele se percebe diante de novas perspectivas psicológicas e sociais; o luto pela perda dos pais da infância, já que os pais ideais passam agora a pais reais. Essas circunstâncias afetam tanto os pais, como os adolescentes, o que provoca mudanças no relacionamento familiar. Esse é um tempo de conflitos.

O propósito deste trabalho foi o de esboçar um retrato instantâneo do cotidiano presente através das observações dos adolescentes, porque como diz Michel Maffesoli², "tudo está em processo e não há "verdades acabadas". Pensando assim, é que não se pretende aqui dar a tudo por concluído, contentando-se em tocar de leve essa questão "afagando apenas os contornos" deste tema, dada a sua complexidade.

A pesquisa foi produzida tendo como orientação o método etnográfico, conforme proposto por Bogdan e Bikken citados por Lüdke e André³:

- a pesquisa etnográfica busca descrever de forma qualitativa o objeto de estudo, tendo o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento;
- os significados que as pessoas dão ao seu cotidiano é o foco de atenção do pesquisador;
- a imersão do etnógrafo na situação permite rever e aprofundar as questões que são colocadas na pesquisa;
- o pesquisador deve ser o realizador da pesquisa de campo, para que ele próprio possa ouvir a realidade dos participantes da pesquisa, tal como a percebem;
- a abordagem etnográfica pode combinar vários métodos de coleta dos dados.

Na sequência, apresenta-se a metodologia, a observação direta das atividades do grupo pesquisado:

¹ ABERASTURY, Arminda e KNOBEL, Maurício. Adolescência normal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981. p. 63 e passim.

² MAFFESSOLI, Michel. O conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 247.

³ LÜDKE, Menga. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

- a) Entrevistas com os informantes para captar explicações e interpretações do que acontece no grupo a que pertencem;
- b) Pode-se ainda usar outros métodos tais como: histórias de vida, análise de documentos, fotografias ...
- c) Para a análise e interpretação, procura-se identificar os elementos recorrentes, isto é, aquelas categorias com características comuns que se relacionam entre si: idéias, concepções, modos de sentir e agir.

O grupo pesquisado constituiu-se de cinquenta e dois adolescentes - distribuídos em dois colégios bem diferenciados quanto à clientela, organização e convivência no âmbito escolar: o Colégio Novo Atheneu, situado no bairro Jardim Cuiabá e a EEPSG "Newton Alfredo Aguiar", situada no bairro CPA IV. O Colégio Novo Atheneu tem ambiente bastante agradável e, nas salas, poucos alunos. Atendendo alunos de bairros muito carentes, oriundos de invasões, o Colégio Newton Alfredo possui salas super lotadas e nas salas pesquisadas estudam poucos adolescentes que trabalham durante o dia. A idade desses adolescentes situou-se na faixa entre 12 e 17 anos e o grau de ensino da 8ª série do 1º grau ao 2º ano do 2º grau.

Os contatos com esses dois grupos foram feitos na sala de aula, no pátio, na hora dos intervalos e individualmente através de entrevistas gravadas. Não houve nenhuma apresentação formal prévia com os adolescentes, por isso a curiosidade em torno da presença de pessoa estranha ao meio foi bastante grande, inclusive por parte dos adultos.

Convivendo na prática docente com as escolas de Cuiabá, pode-se perceber o pouco conhecimento existente para lidar-se com pessoas nesta faixa de idade e ainda a dificuldade de acesso ao estudo do tema por existirem poucas pesquisas voltadas para o conhecimento da adolescência de Mato Grosso.

O de comum entre os jovens dos dois grupos foi a constatação da pouca proximidade física com seus pais. Os adolescentes do Atheneu parecem ter menos conflitos com sua família, diferentemente dos que se apresentam nas casas dos jovens de Newton Alfredo, sendo que, entre estes, menos da metade vivem com os dois genitores. O fator econômico parece determinar a instabilidade emocional intra-familiar no grupo do Newton Alfredo. Em geral, fala-se pouco ou quase nada sobre a vida amorosa dos pais. Apenas uns poucos jovens do Atheneu conseguem manter um diálogo razoável com seus pais sobre sexo. Pelas falas dos entrevistados do Atheneu, existe maior afetuosidade entre esses e seus pais do que entre os do Newton Alfredo, demonstrando que muitos fatos por eles descritos podem interferir no modo como as famílias emocional e corporeamente se relacionam num mesmo ambiente:

"eles sempre me deram muito carinho..."
(C.R.I./F-15 anos - Atheneu)

"Briga... sempre meu pai vem com uma desculpa pra briga... eles brigam e descontam em cima de mim".
(J.O.A./F-17 anos - N.Alf.)

LIMA E GOMES⁴ assim retrata a taticidade das famílias:

"Assim como existem famílias nas quais ocorre uma grande quantidade de contato tátil entre as pessoas, existem famílias, dentro de uma mesma cultura, nas quais o contato é mínimo. Do mesmo modo existem culturas inteiras caracterizadas por um "noli me tangere" como modo de vida e outras em que a totalidade é de tal forma o modo de viver, em que abraços, carícias e beijos são tão constantes, que para os povos não-táteis isso parece estranho e embaraçoso".

O toque, o carinho entre os pais e entre os pais e os filhos, para muitos meninos do Atheneu, foi descrito como mais constantes do que para muitos do Newton Alfredo. A mãe é, para os entrevistados, a figura mais requisitada e presente no seio familiar dos dois grupos. É ela quem exerce maior controle sobre a vida amorosa dos filhos, principalmente da menina. O pai é visto por eles como alguém "mais distante", "com mais problemas", "mais sério". Como demonstra Badinter⁵, a troca afetiva entre pessoas que convivem cotidianamente faz diferença, porque "não há amor sem algum desejo, e (...) a ausência da faculdade de tocar, mimar ou beijar é pouco propícia ao desenvolvimento do sentimento". A proximidade física e calorosa dos pais, dispensando cuidados, interessando-se pelo seu cotidiano, parece ser o que e mais importante esperam esses jovens de sua família.

Ao contrário do Atheneu, em que vários têm conversa sobre namoro e sexo com seus pais, os meninos do Newton Alfredo, em sua maioria, não têm esse costume, confiando a discussão desses assuntos a outras pessoas. É comum entre os adolescentes, por sentirem vergonha, respeito ou mesmo falta de abertura, não terem com seus pais liberdade para conversar "certos assuntos". É inegável a influência da mãe, mais que do pai, nesses momentos. As conversas em famílias sobre a sexualidade giram em torno da prevenção das doenças e das conseqüências da gravidez. Na família, não se fala em sexo como algo prazeroso. No ambiente de grande parte desses adolescentes, falta diálogo e afagos. Sobre o prazer sexual, estabelece-se o silêncio.

"Vou sair... pegar umas mulheres... Mamãe fica perturbando... quer saber... não é nada... é só alugação".

(M.A.R. / F - 16 anos At.)

"Sou fechada com minha mãe... Não gosto de me abrir com ninguém... É difícil confiar nas pessoas... Ela fala pra eu me abrir, mas eu não me sinto bem"

(R.O.S. / F - 16 anos N.Alf.)

Embora pouco pais prendam os meninos, as tentativas de segurar as meninas são ainda muito freqüentes. Uma das mães, visando talvez preservar a filha, apregoa o trabalho como substituto das relações amorosas e as possíveis conseqüências de um namoro precoce:

⁴ LIMA E GOMES, Icléia R. de. A escola como espaço e tempo de prazer: uma análise proxêmica. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação - Universidade São Paulo, 1992, p. 35.

⁵ BADINTER, Elizabeth. O mito materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 15.

"... ela fala pra eu trabalhar muito... pra não namorar tanto porque posso engravidar com quinze anos ... ela não quer isso ..."

(B.E.R. / F - 13 anos - N. A.)

A fala desta adolescente faz lembrar, segundo FREUD apud MARCUSE⁶, que "a livre gratificação das necessidades instintivas do homem é incompatível com a sociedade civilizada: renúncia e dilatação na satisfação constituem pré-requisitos de progresso" e mais, que a felicidade das pessoas deve estar subordinada à disciplina para o trabalho como "ocupação integral". A esperança das mães parece ser a de que as filhas adiem por tempo indeterminado o início da vida sexual. Quanto mais longe este momento, mais alívio sentem, a não ser que a filha se case. Nesse caso, há o desencargo de consciência porque legalmente o casamento impede uma possível desonra familiar; pensamento este que ainda persiste entre os pais. O mesmo pensamento não ocorre com relação ao filho. Este incentivado desde muito cedo a uma vida sexual precoce sob pena de ser mal interpretado em sua masculinidade. Outras mães, sem muitas imposições, nos dois grupos, constantemente alertam os filhos para o perigo das doenças venéreas e as filhas para os perigos da gravidez como se fossem coisas que ameaçam separadamente os dois sexos. Em nenhuma fala dos adolescentes consta os pais alertando as filhas com relação a doenças venéreas e nem aos filhos sobre uma possível paternidade indesejável. É de se notar que a mãe é sempre, como ficou demonstrado ao longo das entrevistas, a figura chave de uma determinada formação sexual dos filhos:

"Minha mãe fala... quando eu fizer sexo... é pra prevenir, né?"

(J.O.A. / F - 17 anos - N. Alf.)

"Ela fala que quando eu for transar... pra contar pra ela... que é perigoso... pra ela ir ao ginecologista comigo... se eu quiser ela não vai segurar ..."

(C.R.I.S. / F. 16 anos At.)

"Ela fala assim, pra tomar cuidado, nessa coisa de AIDS..."

(S.E.R. / M - 17 anos - N. Alf.)

"Minha mãe pergunta... Você é virgem? ... Fico sem jeito de responder aquilo."

(R.O.S. / 16 anos - N. Alf.)

Quando se trata da vida amorosa, grande parte dos adolescentes preferem confiar seus segredos a outras pessoas com quem tenham mais identificação, o que parece ter suporte na proximidade, na comunhão do sentir e pensar. São os amigos, o irmão mais velho, um parente, geralmente pessoas com mais experiência, raramente seus pais.

Na adolescência, a formação dos grupos de amizade vai fazer a transição do controle que os pais da infância exerciam sobre a vida dos filhos, para a vida adulta e toda

⁶ MARCUSE, Herbert. Eros e civilização, Rio de Janeiro: Guanabara, s.d. p. 27.

gama de responsabilidades que dela decorre. Dessa maneira, uma das marcas mais significativas da adolescência é o reunir-se. A formação do grupo se deve à necessidade de partilhar emoções, "re-conhecer-se" enquanto "eu no outro". Tanto a emoção desse coletivo é algo partilhado, que a isso se poderia perceber como, em MAFFESOLI⁷, a agregação a que se adere por ideologia ou por necessidade de proteção.

Tendo como eixo movente a "socialidade"⁸, ou seja, o coletivo vivido pela participação e taticidade, os grupos constroem seus hábitos e maneiras de ser, proclamando suas paixões. A socialidade, ou o vivido em comum, é um cimento composto pela proximidade, pelo afetual ou pelo emocional. É ela que move a vida em comunidade, repousando sobre a pluralidade, que assegura, desse modo, a riqueza e profundidade do viver coletivo. Na vida cotidiana dos grupos se realiza a socialidade com suas micro-attitudes, suas criações miúdas, situações efêmeras em que acontece a circulação dos afetos e das paixões mesmo tendo, para isso, que enfrentar todas as contradições que decorrem das diferenças entre seus membros.

Segundo TEIXEIRA⁹, é em função da proximidade, a partir da experiência do outro, que se forma o grupo, que se constitui pela pluralidade das trocas de palavras, de bens, de sexo e, por isso, são considerados como elementos estruturantes da socialidade. Maffesoli fala de "proxemia"¹⁰, ou seja, o estar junto, a proximidade física como a "substância essencial de toda a socialidade". Na ordem da proxemia, "a pessoa só existe na relação com o outro"¹¹, porque existe proximidade, promiscuidade, "partilha amorosa do mesmo território, seja ele real ou simbólico"¹², entrecruzando relações, momentos e espaços na vida das pessoas. Esse sentimento de pertencer a um grupo, de partilhar o mesmo espaço, por um tempo variável de vida que favoreça a agregação, o sentido em comum, o sair de si para entrar no "todo confusional", que quer dizer, "a perda gradual do indivíduo no coletivo"¹³, promove entre seus membros a sensação de abrigo e segurança. LIMA e GOMES¹⁴, interpretando Maffesoli, observa que:

"Seja nos grandes agrupamentos, seja nos pequenos, a partilha do espaço é fundamental e, nesses casos, quaisquer ajuntamentos têm sentido: tem sentido estar junto para a música, para o esporte, para a droga, para a religião".

Os grupos de adolescentes preenchem certos espaços da cidade, fazendo assim o que Maffesoli chama de "festa dionisiaca" em que lhes é permitido "essa mistura de palavras e situações que exprimem em tom maior, o cotidiano desejo de ser/estar junto"¹⁵. Seja nas praças, nos barzinhos, nas esquinas, nas danceterias, na porta ou no pátio da escola, todos são espaços de "deambulação" existencial"¹⁶, onde acontece o espetáculo,

⁷ MAFFESOLI, Michel. O conhecimento comum, p. 224.

⁸ Id. A sombra de Dionísio. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 17.

⁹ TEIXEIRA, M. Cecilia Sanchez. Sócio-antropologia do cotidiano e educação: alguns aspectos da questão escolar. São Paulo: FEUSP, 1988. p. 171.

¹⁰ MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. p. 193.

¹¹ Ibid., p. 15.

¹² Ibid., p. 24 e 25.

¹³ MAFFESOLI... op. cit., nota 8, p. 112.

¹⁴ LIMA e GOMES, Icléia Rodrigues de. A escola como espaço e tempo de prazer: uma análise proxêmica. op. cit. nota 4, p. 12.

¹⁵ MAFFESOLI... op. cit., nota 8, p. 112.

¹⁶ Ibid., p. 112.

"a teatralidade", em que cada cena é importante, por mínima que seja, por mais comum que possa parecer.

Esses lugares que Maffesoli chama de "regiões abertas"¹⁷ são locais onde é possível dirigir-se aos outros, fazer circular a palavra, o alimento e a bebida, não sozinho, mas beber junto, jogar conversa fora, falar de assuntos banais que pontuam a vida do jovem no dia-a-dia. "É no e pelo coletivo que todos e cada um se expandem e esta expansão aí, dá alento ao bom estar comum"¹⁸. Essa expansão se manifesta de maneira informal nesses grupos de adolescentes que passam "seu melhor tempo vagando e explorando seu mundo"¹⁹, surgindo daí novas maneiras de ser e viver: Agregar-se vivido dos moços. É preciso não viver isolado, ter um cimento que faça a liga desse estar junto. É a comunidade que se agrega, por sentimentos comuns, "pela cultura, pela comunicação, pelo prazer, pela moda"²⁰, aparentemente impregnada de frivolidade e superficialidade. Esse começo de compreensão da vida cotidiana vai se desenvolver na solidariedade do viver em grupo quando se é adolescente.

O vivido em comum dos adolescentes integra boa dose de comunicação, fruição do presente e de incoerência passional. Os adolescentes participam de outros grupos, porém a ênfase é dada ao grupo de amizades que se reúne para descobrir afinidades e diferenças, descobrindo a maior parte dos prazeres uns com os outros, no tocar, no olhar, no sentir, no sofrer, no alegrar-se e até mesmo nas diferenças pessoais que se dissolvem no coletivo do grupo. No pensar de Maffesoli, a característica essencial do grupo diz respeito a um "sentimento partilhado" em que tudo contribui para sua manutenção, inclusive as dissensões e as disfunções.

Nos grupos de jovens, não há somente o estar junto para jogar conversa fora, mas também desejo de vivenciar ou sentir em comum que determina os ajuntamentos. Viver sozinho para o adolescente não faz sentido. Ele precisa repartir suas experiências com outros iguais "pois a pessoa só existe na relação com o outro"²¹. O "encarceramento", que leva ao individualismo a que se refere Maffesoli, é para o adolescente algo insuportável, porque vivendo um processo de afirmação de sua personalidade, precisa socializar seus conflitos e desafios e o faz com maior segurança e espontaneidade no interior de seu grupo.

Nos dois grupos observados, o eu cede lugar ao nós, dando lugar ao coletivo e à circulação do afeto que exprime os fundamentos do grupo. É no e pelo coletivo que todos e cada um se expandem e isso proporciona ao grupo o bem estar comum:

"A minha tribo... cada um é como se fosse tipo irmão... a gente chama tribo como se fosse uma raça".

(M.A.U./M-16 anos - At.)

"Uma pessoa une com a outra, essas vão se unindo, então vai formar o grupo de pessoas que se gostam... se entendem ... pra discutir ... conversar"

(D.E.B. / F - 15 anos - At.)

¹⁷ MAFFESOLI, op. cit., nota 10, p. 37.

¹⁸ MAFFESOLI, op. cit., nota 8, p. 19.

¹⁹ MAFFESOLI, op. cit., nota 10, p. 200.

²⁰ Ibid., p. 114.

²¹ Ibid., p. 15.

O grupo ao se formar promove uma transferência de afetos, em que "há redução na ênfase da capacidade paterna e supervalorização da capacidade dos colegas"²². Os pais pouco a pouco vão perdendo o acesso ao mundo social do adolescente, pois este escapa sempre ao controle e às normas estabelecidas pela família que o quer sob sua tutela. No grupo ele se sente entre pessoas que têm os mesmos problemas e isso lhe dá força para indagar tudo o que é proposto pelos pais, indo em busca de sua autonomia, embora nem sempre seja compreendido pelos adultos. O grupo proporciona novas experiências e novas descobertas relacionadas à vivência juvenil:

"É uma coisa importante.. porque você sozinha é ruim... então eles tá ali pra te divertir.. fazer campanha... tirar dúvida... já que não posso perguntá para meus pais, então pergunto para meus amigos".

(E. L. I. / F-16 anos - N. Alf.)

"Fica conversando... se divertindo com outro... falando coisas engraçadas, porque ficar em casa, muitas vezes, a gente não tem liberdade com os pais, né... Assim de ficar conversando coisa de jovem..."

(J.U.R./M-16 anos - N. Alf.)

O grupo "foge" do ambiente familiar e cria um outro onde todos possam exercer a liberdade de expressão. A união dos componentes do grupo através das atividades cotidianas vai demonstrar que essa comunidade é um corpo solidário.

Inúmeros adolescentes borboleteiam por mais de um grupo, vivendo, ordenando e assumindo suas diferentes "máscaras", que na cena pode se apresentar como "uma cabeleira extravagante ou colorida, uma tatuagem original, a reutilização de roupas fora de moda, ou ainda o conformismo de um estilo (...), ela subordina a pessoa a esta sociedade secreta que é o grupo afinitário escolhido"²³. Em cada grupo que freqüentam, os adolescentes assumem as posturas daquele grupo, naquele momento, acomodando-se ou apropriando-se dos valores que os definem. Dessa forma, viverá em cada grupo uma dinâmica de "pertença" e oportunidade de experimentar novas maneiras de ser ou novas máscaras:

"Eu tenho um grupo de amigos que é todo certinho... "mauricinho"... arrumadinho. Tenho outro mais relaxado, que nem eu... só veste moleton... cabelo comprido... desses "heavy" da vida... eles não têm nada a ver um com o outro eu gosto de todos eles"

(M.A.R./F-17 anos- At.)

O namoro pode ser um dos motivos que contribuem para que haja um afastamento do grupo de amigos:

²² AUSUBEL, David et alli. Psicologia Educacional. Rio de Janeiro, Interamericana, 1980, p. 394.

²³ MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos. p. 128.

*"Tá difícil sair com os amigos... Tô saindo mais com minha namorada."
(F.A.B./M-17 anos - At.)*

O afastar-se do grupo pode estar ligado aos preconceitos contra a menina que começa um relacionamento sexual:

"Meu grupo, eles não sabem que eu... eles criticavam mulher que não é mais virgem. Então fiquei com vergonha de contá ... eles começaram a me rejeitá. Porque por mais que hoje seja liberal, acho isso um absurdo. Meu namorado me dá conselhos... Ele disse que não é pra eu ficar muito andando... saindo... porque as pessoas vão notar a diferença em mim... vai falar de mim... e ele não quer isso ... Estou afastada por mim mesma".

A comunhão de idéias une os componentes do grupo. Para os adolescentes dos colégios, o mais importante para o grupo "é pensar da mesma forma" e "ter algo em comum", algo como a idéia de "família".

"Atualmente, nós estamos mais juntos ainda... todos se unem muito bem, todos gostamos um do outro... não só como amigos ... mas como família... se sentimos da mesma família".

É esse sentimento compartilhado de forma intensa, afetuosa, que concorre para que os membros do grupo cheguem a sentir-se como "família", a praticamente "excluir os adultos e proteger-se a si mesmo contra a coerção que os adultos são propensos a usar"²⁴. O grupo de amigos, por conta da energia que emana da interação de seus componentes, contagia qualquer "território" onde se faça presente.

*"... onde a gente chega... a gente contagia o mundo!"
(K.A.F. / F - 16 anos N. Alf.)*

A solidariedade é uma atitude comum nestes grupos "É justamente porque há solidariedade orgânica, ajuda mútua e assistência contínua que se estabelece a circulação do afeto"²⁵.

*"... quando um fica doente, fica todo mundo lá... enquanto não sara, ninguém vai para sua casa... somos muito solidários..."
(A.F.L.A. / F - 26 anos - At.)*

*"... quando um precisa do outro... por problema econômico empresta dinheiro ..."
(E.D.U. / M- 16 anos - At.)*

²⁴ AUSUBEL, David P. et al, op. cit., nota 22, p. 396.

²⁵ TEIXEIRA, M. Cecília Sanchez. Op. cit., nota 9, p. 188 explica com Maffesoli que a solidariedade orgânica só é possível onde a personalidade individual é absorvida no organismo coletivo.

Na ajuda, sob qualquer forma, importa solidarizar-se com aquele que esta necessitado. Pode ser ajuda financeira ou companhia. A ajuda mútua, sob diversas formas, é um dever a que o grupo se obriga por força do estreitamento dos laços que os une.

Os lugares freqüentados por esses grupos variam conforme a situação econômica de suas famílias. Esta é a diferença. A alegria, o divertimento, o "estar junto com", os entendimentos e desentendimentos têm a mesma intensidade. É sempre nos finais de semana que os adolescentes buscam encontrar-se, embora haja grupos formados na escola que se vêem todos os dias. Onde houver "agito", é lá que vamos encontrar legiões de adolescentes, cada um deles querendo demonstrar ao mundo dos adultos um "eu estou aqui, quero ser percebido!"

O contraste entre o "América" ou o "Get Up" no Coxipó e o "Ponto de Encontro" em qualquer lugar da cidade ou ainda o "Yes Bananas", na Morada da Serra, fica por conta do poder aquisitivo dos freqüentadores. As primeiras são casas de espetáculos caras, o que não impede nuns e outros lugares, que a música, a bebida, a dança, as luzes, os encontros entre as pessoas aconteçam com a mesma intensidade. Entre todos, o "Ponto de Encontro" é o mais diferenciado por ser ao ar livre e por congregar adolescentes das várias classes sociais.

"A gente se junta no final de semana... vai na "Get Up"... "América"..."

(M.A.R./M - 17 anos - At)

"Encontra no sábado. Vamos ao clube "Yes Bananas"... "Ponto de Encontro" no CPA I... a gente dança... bebe... paquera"

(R.O.D.M. - 15 - N.Alf)

"No Três Barras... no Centro Comunitário... Tem baile todo sábado..."

(S.I.L./M - 15 anos - N. Alf.)

Alguns grupos vivem diferentemente a festa desses encontros. São os que vão aos Shows de "Rock Pesado" onde a "miscelância é total, o som da moçada fala das crises de relacionamento entre os jovens e a sociedade, injustiças e tudo mais que angustia os habitantes do planeta".²⁶ Não pode faltar a perambulação pelos cemitérios, uma prova de fogo, um rito iniciático para entrar no grupo. É o que contam alguns do grupo do Atheneu:

"A tribo vai a Shows de Rock na Casa Cuiabana... vai ao cemitério... só que eu não gosto, não... tenho medo ... O pessoal fica lá dentro umas três horas... bebe... bagunça... não mexe em nada... vai menina.. A gente fica na ruazinha, entre as sepulturas... O cemitério da Piedade é muito apertado... O pessoal tá querendo ir no Parque Cuiabá... Parece filme de terror..."

(M.A.U. / M - 16 anos - At.)

²⁶ Furacão Underground. Revista Contato Hoje, Mato Grosso, 5/7/1993. p.36-7

"Sou 'heavy Banders' um estilo de música que é um 'trash rock pesado'... tudo que é pesado... tudo música de morte ... cemitério... a turma fala que é uma coisa diferente... assombrado.. espíritos ... vai, bate papo... tem menina que até transa lá dentro. É tipo um currículo nosso... tem que tá presente no cemitério... senão não se considera 'heavy banders'.

(F.L.A./M - 17 anos - At.)

Nas reuniões que os grupos promovem, a música e a exacerbação das paixões estão em constante relação. A fantasia e a sensualidade liberam o corpo e permitem a partição dos afetos no roçar entre uns e outros. A noite, a dança e a música contribuem para a exaltação da orgia. É justamente a noite, sempre presente na fala dos entrevistados, que permite como diz Maffesoli, "Exacerbação de todas as paixões e a intensificação dos excessos"²⁷, oferecendo, ao corpo e ao espírito, múltiplas possibilidades de um viver intenso, dos muitos "corpos que se unem em abraços na escuridão".²⁸ Por isso, a noite para os jovens é sempre motivo de celebração de festas, euforia e de toda ordem de transgressões. No escurinho da boite, da praça, do cinema, nos caminhos notívagos, quem se importa com o perigo nesta idade?

Embora a busca de autonomia e de emancipação se anunciem ao adolescente, tornem-no distinto e separado do mundo adulto por querer romper com os laços que o prendem desde a infância à família, é, no entanto, difícil deixar o "ancoradouro emocional"²⁹, que o liga aos pais desde o nascimento. Em nossa sociedade, transpor os portais para a vida adulta significa enfrentar uma crise, a primeira de caráter existencial, um rompimento com a infância e a adaptação para as responsabilidades da vida adulta. Talvez por isso, a palavra "futuro" seja tão empregada pelos jovens quando falam do seu cotidiano.

Esses adolescentes estabelecem em seus pequenos grupos um processo de correspondência, participação e adesão ao "modus vivendi" que privilegia o corpo coletivo, havendo neles mais permissividade que em qualquer outro lugar por onde se ande. No grupo de amizades ninguém é marginalizado, porque se o for, não está nele. No grupo-tribo, o adolescente sente que está entre os que "vivem o mesmo momento existencial".³⁰ O grupo tem a força dos iguais, em que, segundo Tiba, cada um perde a individualidade para ser um anônimo no coletivo, onde os problemas pessoais são também os do grupo e "todos levam as dores de todos"³¹, havendo uma universalização dos problemas, das aventuras, das desavenças, da afetividade e dos compromissos feitos em conjunto, que têm a importância de um contrato onde as partes envolvidas selam um pacto temporário de estarem juntos, porque juntos se fortalecem.

O momentâneo "rompimento" com os pais e a construção de sua própria identidade fazem com que o jovem vivencie novas experiências e novas descobertas, mas sempre em grupo, transformando este no espaço "familiar" na troca de suas emoções, mesmo

²⁷ MAFFESOLI, Michel. *A Sombra de Dionísio*. p. 131.

²⁸ *Ibid.*, loc. cit.

²⁹ AUSUBEL, David et al. *op. cit.*, nota 22 p. 396.

³⁰ TIBA, Içami. *Puberdade e Adolescência. Desenvolvimento Biopsico-social*. S.P., Igora, 1996, p.58.

³¹ *Ibid.*, p. 58.

porque, apesar da influência familiar, é no grupo de amigos que a liberdade e a afetividade se manifestam de forma mais explícita.

Os resultados da pesquisa evidenciaram que:

- O contato afetivo entre os membros da família é vivenciado apenas por uns poucos adolescentes. Há uma distância mantida, gerando assim a superficialidade com que os corpos se tocam. Quanto mais se desenvolve a criança, maior se torna a distância física entre ela e seus pais. Na adolescência, esse distanciamento se consolida, e o que se percebe através das falas dos entrevistados é exatamente o desejo de serem acarinhados pelos pais também na adolescência.
- Nas famílias desses jovens, as conversas sobre a sexualidade não fazem, comumente, parte do diálogo entre pais e filhos. Sobre o prazer sexual estabelece-se o silêncio. Fala-se aos jovens somente sobre as conseqüências da sexualidade, mostrando-se apenas os efeitos negativos.
- O adolescente tem vontade de dialogar sobre sua sexualidade, o que só se torna possível captando-se sua estima e confiança. Os pais, por sua vez, não buscam repensar as relações com seus filhos agora adolescentes, sobre os quais se operam transformações ao nível do corpo e das relações sociais.
- Os valores tabus, estereótipos são passados, ainda, pelas gerações anteriores a esses jovens, repetindo-se o conflito de gerações, o que não impede que estes façam a tentativa de quebrar os padrões estabelecidos pelo social. No enfrentamento das muitas restrições sociais, os adolescentes dos dois grupos buscam maior fruição para suas existências, conseguindo, quando surge a oportunidade, colocar uma "cunha" no interior das normas sociais, estabelecidas em direção a uma autonomia, à expansão de sua sensibilidade e expressão de sua corporeidade.

ABSTRACT

The research intends to understand the adolescent's common-living in their primary and secondary groups, therefore, family and school, as far as the sexuality is concerned. There was an attempt to identify appealing elements such as ideas, conceptions and behaviour, among others.

BIBLIOGRAFIA

- 1- ABERASTURY, Arminda y KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- 2- AUSUBEL, David et al. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- 3- BADINTER, Elizabeth. **O Mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- 4- FURACÃO Undergraund. **Rev. Contato Hoje**. Cuiabá, 5/julho/1993.
- 5- GOMES, Icléia R. de Lima e. **A escola como espaço e tempo de prazer: uma análise proxêmica**. São Paulo: Faculdade de Educação/USP, 1992. Tese de doutorado.
- 6- LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- 7- MAFFESOLI, Michel. **O Conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- 8- _____. **A Sombra de Dionísio**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- 9- _____. **O Tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- 10- MARCUSE, Herbet. **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: Guanabara, s.d.
- 11- TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches. **Sócio - antropologia do cotidiano e educação: alguns aspectos da questão escolar**. São Paulo: FEUSP, 1988.